ZH ZERO HORA

Publicado em 16/09/2023 - 05:54

Retomada de pequenos negócios é desafio de municípios atingidos

Economia arrasada pela lama

Muçum tenta recuperar negócios e preservar investimentos após enchente devastar 70% das empresas do município

FÁBIO SCHAFFNER
fabio.schaffner@zerohora.com.br

Não havia desemprego nem miséria em Muçum, município de 4,6 mil habitantes cuja economia foi soterrada de lama na enchente de 4 de setembro. Puxados pelo turismo, os negócios prosperavam, gerando produto interno bruto (PIB) per capita de R$ 57,3 mil e ocupando 53,5% da população, oitavo maior índice do Rio Grande do Sul. O orçamento municipal saltara de R$ 24,6 milhões em 2021 para R$ 34,9 milhões neste ano, incremento de 42%.

Tal qual fotografias resgatadas da água barrenta, esses indicadores agora são memórias de um tempo bom. Levantamento preliminar da prefeitura registra que 70% das 255 empresas da cidade foram destruídas pelas cheias do Rio Taquari.

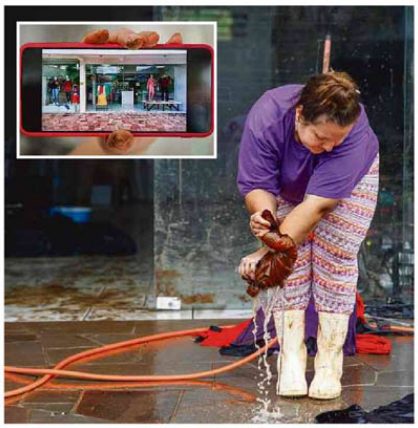
– As perdas são inestimáveis. Os estabelecimentos que estavam na região central, toda ela alagada, se foram. A economia do município foi por água abaixo – afirma Tiago Strieski, 38 anos, secretário municipal de Administração, Fazenda e Planejamento.

Em fúria, a correnteza não poupou ninguém, dos microempreendedores à maior indústria. Quem restou ileso tem medo de nova enchente e quem sobreviveu não sabe se pretende continuar morando no município, que dirá investindo. Multiplicam-se os pedidos de renegociação dos aluguéis comerciais e aos poucos começam a surgir pedidos de demissão, com funcionários querendo mudar de cidade.

Preocupada com uma evasão dos empresários, a prefeitura busca suporte nos governos estadual e federal, bem como nos bancos públicos. O objetivo é reduzir a burocracia na concessão de linhas de crédito, com juros baixos e prazo longo, estimulando uma retomada nos investimentos. Informalmente, o cálculo para reconstrução da cidade projeta a necessidade de R$ 1 bilhão.

– Estamos trabalhando para convencer as pessoas a continuarem acreditando. Que não desistam e reabram suas empresas. Nosso maior desafio é manter a autoestima, precisamos continuar acreditando na cidade – conclama Strieski.

GZH
Histórias de moradores de Muçum em: gzh.rs/zilda



Lidiane, dona de loja de roupas (*detalhe*), limpa o estabelecimento

Com 20 mil metros quadrados, local emprega mais de 350 pessoas

FOTOS: EDIPEDRON BOTEGA

Correnteza levou embora o sonho da costureira

Quando começou a costurar, na adolescência, Lidiane Cerutti Viegas sonhava em ter confecção própria. Na segunda-feira da enchente, 4 de setembro, ela e o marido Fernando limparam com afinco os 130 metros quadrados da Lidi Moda e Costura e foram para casa, abrigar-se da chuva que apertava.

– Olha como ficou bonito – disse Fernando, mirando pelos vidros da fachada o brilho do piso branco em contraste com a manequim de lingerie vermelha exposta na vitrine.

No dia seguinte, quando retornou ao local, a enxurrada tinha revirado prateleiras, derrubado balcões, encharcado máquinas de costura e enterrado o acervo da loja numa camada de 30 centímetros de barro. Havia recém quatro meses que Lidiane montara a empresa dos seus sonhos. Investiu R$ 15 mil em mobiliário, formou corredores com araras repletas de roupas, instalou painéis com peças íntimas nas paredes e, nos fundos, montou o ateliê com cinco diferentes máquinas de costura.

Aos 35 anos e desde 2019 em Muçum, Lidiane era a mais renomada costureira da cidade. Granjeara clientela fiel cerzindo com destreza e rapidez numa pequena sala comercial da Rua Barão de Rio Branco, principal via do município.

Trabalhando sozinha, Lidiane chegava às 6h45min para adiantar o serviço, abria as portas às 8h30min e ficava até o anoitecer, sem fechar ao meio-dia. A clientela dobrou e, faturando R$ 8 mil por mês, recém comprara computador e impressora para emitir boletos, ampliando sistema de cobrança da loja. Tudo foi destruído pela cheia do Taquari, cuja marca de 1m70cm alcançada dentro da loja tingiu de lama o alvará preso à parede.

– Eu tinha muita roupa. Tinha chegado um monte de calças jeans. São 15 anos trabalhando, comprando, pagando, para chegar aqui e olhar tudo assim... – lamenta.

Deus

Com o negócio arrasado pela correnteza e a própria casa também invadida pelo Rio Taquari, Lidiane demorou uma semana para limpar a loja. Enquanto recolhia moldes e peças de roupa do meio do barro, pensava nas dívidas acumuladas. Sem ânimo para persistir, pretende voltar a viver em Guaporé, onde o marido mantém um lava-jato e para onde os pais rumaram tão logo a água baixou.

– Aqui, não mais. Vou embora para Guaporé e, depois, só Deus sabe – resigna-se.

Maior empresa, curtume tenta retomar a produção

Com 359 funcionários, o Curtume Bom Retiro (CBR) é a maior empresa de Muçum. Sozinha, a unidade emprega 7,8% da população e responde por 9,14% da arrecadação municipal de ICMS. Nas duas últimas semanas, porém, a empresa contabiliza apenas prejuízos.

Instalado em um terreno de 20 mil metros quadrados à margem do Taquari, o curtume começou a ser acossado pela enchente ainda no começo da tarde de segunda-feira, dia 4. Acostumada com cheias na região, a direção liberou primeiro os trabalhadores que moram em regiões ribeirinhas para que pudessem proteger suas casas e retirar familiares.

Até então, em 20 anos de operação em Muçum, a fábrica jamais havia sido inundada. Mas desta vez o Taquari não parava de subir. Às 16h, foi decretada debandada geral. Ficaram no local apenas quatro supervisores, encarregados de fazer o desligamento da unidade.

Encurralados pela enxurrada, eles acabaram se refugiando na torre da caixa d'água, a 30 metros do chão e de onde só seriam resgatados na manhã do dia seguinte. Quando a água baixou, uma vistoria inicial revelou o alcance da destruição. Todos os setores foram atingidos, com dezenas de máquinas avariadas nos mais de 20 pavilhões.

Uma das primeiras medidas foi consertar as bombas d'água para acionar os poços artesianos. Nos primeiros dias pós-desastre, mais de 50 caminhões usaram água do curtume na limpeza das ruas e das casas atingidas pelo barro.

Demissões

Na sequência, a empresa recuperou o refeitório, oferecendo viandas e um local limpo para os funcionários se alimentarem enquanto arrumavam as próprias casas. Três deles não pretendem voltar mais. Pediram demissão, dispostos a morar em outra cidade.

A empresa tenta recuperar o parque fabril. Com faturamento anual de R$ 60 milhões, o curtume tem capacidade para beneficiar 10 mil couros por dia. Além de fornecer matéria-prima para a indústria calçadista e de vestuário da região, exporta para quase toda a Europa, países da América do Norte, da América Latina e do Sul, e de parte da Oceania. Procurada, a direção diz que está empenhada na retomada das atividades e não pretende se manifestar.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Pagina: 20

Copyright © Clipclap 2025.